

Gênero Masculino e Ensino Fundamental: Vivências e Significações de Professores

Male Gender and Elementary Education: Teachers' Experiences and Significances

Milton Müller Rodrigues

RESUMO

Quando falamos a respeito do ensino, é relevante o fato de que são as mulheres que povoam a maioria das salas de aula do ensino fundamental. Essa realidade produziu questionamentos que inspiraram a presente pesquisa que se propõe a compreender as relações entre docência e gênero masculino, focalizando a opção profissional nas esferas familiar, doméstica, de lazer, e prática docente. Os quatro sujeitos deste estudo são professores que trabalham no ensino fundamental. O método utilizado foi o estudo de caso e para a análise e interpretação dos dados, realizei uma análise de conteúdo em sua modalidade qualitativa. As experiências pessoais e profissionais desses sujeitos, as considerações dos alunos e das alunas, bem como, as minhas próprias, procuram detalhar e esmiuçar as construções, por vezes rígidas, a respeito do gênero masculino, neste universo, como dito anteriormente, de predomínio feminino.

Palavras-chave: Ensino fundamental, professores homens, relações de gênero.

ABSTRACT

When talking about teaching, it is of relevance the fact that the female gender populates most Elementary School classrooms. This reality produced questionings that have inspired the present research, which has for purpose the understanding of the relationships between teaching and the male gender, focusing on the professional option and its relationships with the family and leisure circles, as well as the teaching practice. The four subjects of this study are Elementary School teachers. The method utilized was the case study. For the analysis and interpretation of data, I have made a content analysis in a qualitative mode. Their experiences, personal as well as professional, the opinions of male and female pupils, as well as mine, seek to detail and fully analyze the constructions, rigid at times, on the male gender, in this universe, as previously mentioned, predominantly feminine.

Key words: Elementary School, Male Teachers, Gender relations.

Apresento este texto, reproduzindo as palavras que escutei dos professores - sujeitos da pesquisa - pois, parecem-me representativas

não só de suas próprias percepções a respeito do tema proposto, mas, também, das falas comumente ocorridas em ambientes escolares.

Milton Müller Rodrigues é Diretor e professor do Curso de Geografia da Universidade Luterana do Brasil, Mestre em Educação pela PUCRS. Endereço Eletrônico: mrodrigues@cpovo.net

O presente artigo sintetiza a apresentação de minha dissertação de mestrado (em Educação PUCRS) na ocasião da defesa. Agradeço a orientação e inesgotável paciência, atenção e riqueza de conhecimento da professora Doutora Nara Bernardes, e o carinho e entusiasmo constantes da professora Doutora Antônia Medina.

Textura	Canoas	n. 4	1º semestre de 2001	p. 63-69
---------	--------	------	---------------------	----------

- "Os adolescentes certamente não vão gostar de cursar uma escola normal porque acham que é um curso só de mulheres." (Professor A)
- "Mas o senhor trabalha ou o senhor só dá aula?" (Professor B)
- "Eu me sentia um pouco constrangido porque a maioria eram meninas." (Professor C)
- "Já ouvi, em nosso ambiente de trabalho, dizerem que isso ou aquilo é coisa de mulher." (Professor D)
- Um homem-professor, no ensino fundamental, não é, de forma alguma, presença maciça. É hoje, um estranho no ninho.

Eu mesmo, enquanto aluno, desde a pré-escola até o final do primeiro grau, sempre tive professoras. A exceção, para confirmar a regra, era o professor de Educação Física. Com isto quero dizer que sempre foi comum na minha vida escolar - e tenho convicção de não ser só a minha experiência que diz isso - que o magistério está associado, de forma marcante, ao universo feminino.

Inúmeros são os motivos que determinaram e acabaram por construir esta realidade. Embora seja comum hoje em dia, tanto homens como mulheres compartilham, em nível de igualdade, o mesmo ambiente de trabalho e as mesmas ocupações profissionais, no magistério fundamental esta realidade mostra-se diferente. Moacir Gadotti (1995), esclarece que "[...] a sexualização do magistério como ocupação feminina, decorrente de determinantes econômicos, revela-se, ou aparece, como fato natural em função de exigências que essa ocupação apresenta e que supostamente são mais adequadas ao sexo feminino." (p. 101).

Aqui não é meu interesse fazer um levante contra tal situação, arregimentar um batalhão de homens e avançarmos por este terreno. O objetivo é lançar minha visão de homem neste território.

Com base nas Ciências Sociais, Gênero é um conceito que visa chamar a atenção para a construção social articulada a bases biológicas. Refere-se, portanto, como explica Margareth Andersen (apud de Guacira Louro, 1995), "[...] às complexas relações sociais, políticas, econômicas e psicológicas entre homens e mulheres,

em outras palavras, está institucionalizada na sociedade". (P. 7). Guacira Louro (1995) esclarece, ainda, que "O uso do conceito teria tido, a princípio, um caráter de contraponto, de respostas às interpretações biológicas, as quais viam na diferença sexual um determinante das posições sociais hierarquicamente diferentes de homens e mulheres." (P. 5).

Como o número reduzido de profissionais-homens se vem refletindo na prática docente do ensino fundamental, e quais as implicações para esses homens que escolheram o magistério como atividade profissional?

O censo demográfico brasileiro de 1991 mostra que no Brasil, 93,5% são mulheres que lecionam - de 1ª a 4ª série - e 6,5% são homens. E de 5ª a 8ª série, 85,8% são mulheres e 14,2% são homens. No Rio Grande do Sul essa proporção se mantém semelhante.

Situações representativas permitem algumas considerações quanto às relações entre gênero masculino e trabalho docente no ensino fundamental. O magistério, em sua evolução histórica, passou de predominantemente masculino a feminino, evidenciando um trabalho diferenciado por gênero. Este fator deveria ser levado em conta nos estudos sobre educação. Cristina Bruschini (1988) explica que "[...] não devemos ignorar a condição feminina da maioria do professorado pois, nossa avaliação acerca do assunto estaria comprometida." (P. 5).

A maneira de os sujeitos desta pesquisa perceberem sua opção pelo magistério, bem como, as vivências e significações, em suas trajetórias pessoais e familiares e em sua prática docente encontram-se associadas às suas escolhas profissionais. Parece-me que a referida opção está relacionada com o reconhecimento de características consideradas necessárias ao exercício profissional, a partir de uma imagem julgada ideal, e com a identificação com essas respectivas características.

Para a realização deste trabalho utilizei o método de estudo de caso. A coleta de dados foi obtida mediante entrevistas formais com os professores que constituíram o 'corpus' da pesquisa e seus respectivos/as alunos e alunas e, ainda, observações em sala de aula. Foi bastante difícil localizar professores de 1ª à 4ª séries para participarem da presente pesquisa. A dificuldade foi bem menor em se tratando dos profes-



sores de 5ª à 8ª séries, embora também eles fossem em número reduzido.

A apresentação sucinta dos dados de identificação de cada um dos quatro professores entrevistados objetiva uma visão de conjunto que denota indicativos importantes para a compreensão da pesquisa:

- O professor A tem 41 anos, é casado, não tem filhos, e é professor de Estudos Sociais na 4ª série e de Português e Literatura Brasileira no Ensino Fundamental e Médio.
- O professor B tem 35 anos, é casado, tem um filho e uma filha, e é professor de Ciências no Ensino Fundamental, e de Química no Médio.
- O professor C tem 28 anos, é casado, tem uma filha, e é professor de 2ª e 4ª séries do Ensino Fundamental.
- O professor D tem 48 anos, é casado, tem um filho e uma filha, e é professor de Geografia em turmas de 5ª à 8ª séries do Ensino Fundamental.

O único professor que não tem graduação é o professor C. E nenhum deles concluiu curso de pós-graduação, embora o professor A o tenha iniciado.

Com base nesse universo, foi possível encontrar subsídios para uma percepção mais ampla do significado que cada um atribui à sua prática, com relação aos objetivos a que se propunha alcançar.

Após a realização das entrevistas e das observações, utilizei-me da análise de conteúdo, privilegiando a modalidade qualitativa para a construção de cada caso. Segundo Olabuenaga e Ispiza (apud de Roque de Moraes, 1993), a análise de conteúdo é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos, e, uma vez decodificados adequadamente, permitem o acesso ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social que, de outro modo, talvez fosse inacessível. Acredito que na esfera das Ciências Humanas esta modalidade de análise que valoriza as diferenças, faz uma aposta na singularidade e encontra seu melhor caminho para uma compreensão mais abrangente das múltiplas faces que se organizam em torno deste campo.

Um dos aspectos analisados é o da opção profissional, feita por eles, associada estreita-

mente ao reconhecimento e à identificação de características consideradas necessárias e prementes no exercício da profissão.

Parece-me clara a existência de uma imagem tida como ideal, em termos de exigências sociais do exercício profissional que, muitas vezes extrapola às próprias necessidades pessoais. Tais características constituem-se em importante material para a compreensão dos diversos ângulos comprometidos nessa dinâmica.

Quando os professores dizem que a prática docente independe do gênero, mostram uma visão mais ampla e abrangente frente àquelas que se guiam por valores tradicionais de ver o mundo, onde existe uma separação rígida entre as atribuições de um homem e as atribuições de uma mulher.

Assim apresentadas, essas questões apontam características subjetivas que julgo significativas, pois, extrapolam a visão estreita, regida exclusivamente por valores perpetuadores de uma cultura conservadora. Mesmo existindo uma oscilação entre imposições sociais e o desejo individual, não são essas imposições sociais impeditivas para a realização e a construção de uma prática profissional.

A presença masculina nos parece extremamente necessária, quando se leva em conta o aumento expressivo do número de mulheres chefes-de-família. Muitas crianças brasileiras estão sendo educadas em ambientes exclusivamente feminino (na escola e em casa) tendo poucas oportunidades de interação com homens. A interação entre homens e crianças, deveria ter a mesma importância que é dada à interação entre mulheres e crianças. Observa-se que “[...] as imagens de inocência e pureza ligadas à maternidade não parecem extensivas à paternidade. Quando homens se dedicam ao trabalho educativo com crianças pequenas passam a ser suspeitos, tanto quanto à sua identidade masculina, quanto à moralidade”. (Fulvia Rosenberg, 1985, p.84).

Autores e autoras como Emilce Bleichmar (1980), Ronaldo Pamplona da Costa (1994), Guacira Louro (1997), Nara Bernardes (1989), dentre outros, ressaltam as influências culturais e sociais na construção do gênero da criança. E, a expectativa social em relação ao comportamento de meninos e meninas, a maneira diferenciada como adultos e grupos de iguais agem com estas



crianças de acordo com seu gênero parecem muito importantes no processo educacional

As falas dos sujeitos mostram-se por vezes contraditórias quanto ao fato de eles compartilharem ocupações funcionais semelhantes às das mulheres, e é neste confronto que considero poder avançar e refletir sobre as contribuições que são capazes de oferecer enquanto educadores e formadores de opinião.

Assim, por exemplo, uma característica presente em todas as falas privilegia o professor como modelo, como aquele profissional que está para além do ensino formal, que serve como paradigma de padrão moral, de correção, de lisura e de conduta ilibada.

Sócrates Nolasco (1995) afirma que “[...] aparentemente, o trabalho docente confere ao homem um status de independência que não se limita ao âmbito financeiro. Uma de suas funções é dissolver o vínculo com a família, tornando-o, sob o pretexto da independência, indivíduo comprometido com uma obsessão ‘produtiva’ e com a reprodução de valores sociais.” (P.51).

Acho que este ângulo permite visualizar uma idéia presente em muitas situações e se confunde, muitas vezes, com exigências advindas dos campos sociais ou individuais, pois não se sabe se os limites estão claros e precisos.

Um outro aspecto significativo encontro no pronunciamento de um dos professores sentir-se constrangido no ambiente predominantemente feminino do magistério, e o fato de ter sido ele o mesmo que acentuou os baixos vencimentos oferecidos à categoria, principalmente no ensino fundamental. Fato público e notório.

Mas esta restrição não deve servir como origem e justificativa de todas as mazelas a que os professores estão acometidos. Talvez indique que o reconhecimento público, através do salário, se encontre aquém das reais necessidades desses profissionais. Serve, porém, para reforçar, sobremaneira, a exigência de um nível de abnegação que está associada à prática docente. Reflete, também, a exigência que a própria sociedade, governada por um modelo masculino, faz ao homem, de que ele deve preocupar-se e prover a manutenção, a sustentação econômica de sua família.

Permito-me acrescentar que a maneira de viver desses professores, o modo como eles cons-

truíram e organizaram seus núcleos familiares, e suas opções de lazer, encontram-se marcadas por características muito limitadas. Mais que na profissão, é na família que existe uma forte determinação e reprodução do modo um tanto tradicional de ser.

Quando se apresentam como modelos masculinos, assumindo inclusive a figura paterna, reproduzem, frente a seus alunos e alunas, os padrões sociais esperados desses professores enquanto homens, e “chefes” de família. A este respeito, Guacira Louro (1997) enfatiza que a concepção fortemente polarizada dos gêneros esconde a pluralidade existente em cada um dos pólos. Assim, aqueles homens que se afastam da forma de masculinidade hegemônica são considerados diferentes, são representados como o outro e, usualmente experimentam práticas de discriminação ou subordinação. (p. 48).

As justificativas por eles apresentadas, ao não encontrarem outras formas de lazer e de ocupação além das atividades consideradas como masculinas, denotam características profundamente arraigadas e consolidam uma visão social do contexto em que se acham inseridos.

Tentando articular uma ligação entre estas questões, enquanto pesquisador e professor, considero verdadeiros e relevantes os ensaios promovidos por estes professores, em busca de sustentação tanto do lugar individual reivindicado por eles quanto para um lugar de reconhecimento social a ser atribuído a eles.

Nesse permanente embate, o constrangimento em abraçar o novo e abandonar o antigo se produz numa dicotomia evidente na relação dialética que reflete características próprias dos seres humanos. Pode-se considerar, também, que muitas práticas utilizadas em sala de aula evidenciam uma tentativa de explorar e inovar os caminhos que levam à aprendizagem, mas em algumas situações é fácil verificar que são ainda hesitantes, não havendo a necessária segurança para torná-la efetiva. Moacir Gadotti (1995) afirma que: “Quando o facilitador - professor/a - é uma pessoa real, e se apresenta tal como é, entra em relação com o/a aprendiz, sem ostentar aparência ou fachada, tem muito mais probabilidade de ser eficiente.” (p. 181).

O trabalho de pesquisa realizado permitiu-me considerar que os questionamentos es-



tão implicados não só no exercício da docência desses professores, sujeitos da pesquisa, mas, também, no do próprio pesquisador. Pois, entendendo que esta pesquisa reflete, antes de tudo, o interesse pela busca de uma melhor, mais clara compreensão dessa realidade.

Com o desenvolvimento do trabalho pude constatar que, além das construções de conceitos que os professores fazem a seu próprio respeito, existe um mundo de idéias, que os circundam, e do qual eles se servem para traduzir sua identidade, e tentam atribuir ao seu ser e ao seu fazer uma padronização de características e de significações.

A dinâmica daí oriunda acaba interferindo na constituição da imagem e da realidade profissional de sua categoria profissional. Os professores muitas vezes se encarregam de revelar e cristalizar uma perspectiva orientada por uma vertente que privilegia um aspecto em detrimento de outros. Por exemplo, o gênero como uma tentativa de entendimento e de justificativa de uma determinada situação, em oposição a uma visão mais ampla que o contexto exige. No dizer de Guacira Louro (1997), "Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores "bons" e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras." (p. 61). Todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferenças.

Os temas emergiram espontaneamente e serviram como guia para as análises feitas, obviamente, sem a intenção de esgotar as questões. São recortes que têm a intenção de lançar um olhar, uma mirada sobre um imenso campo a ser percorrido.

O gênero masculino ou feminino mostra-se, atualmente, num amplo campo de estudo para o entendimento de desafios propostos à pesquisa científica, que centra seu interesse, na natureza humana, numa concepção suficientemente ampla e abrangente incluindo referenciais e construções psicológicas, sociais, e bioló-

gicas. Jean Anyon (1990) afirma que "[...] o desenvolvimento do gênero envolve uma série de tentativas no sentido de (meninos e meninas) se assemelharem a mensagens sociais contraditórias - e solucioná-las -, visando ao que eles ou elas deveriam fazer ou ser." (p. 14).

O gênero não deve ser desconsiderado, contudo não deve também ser tomado como única dimensão para guiar e orientar todo um modo de fazer e compreender a natureza humana e inclusive as suas estratégias de ação.

Há muito tempo o magistério tem-se constituído numa categoria profissional que tem nas mulheres o seu maior contingente. Mas, não é só isso que determina a visão feminina desse trabalho. Mais do que o número são as expectativas e as atribuições designadas aos profissionais do ensino que a estão determinando.

Ao construir-se uma identidade profissional baseada em critérios rígidos de comportamento, com o delineamento e a exigência de um perfil que coloca para o indivíduo características que são atribuídas de um lado, exclusivamente, como femininas e de outro, exclusivamente como masculinas, existe o reforço e a permanência de uma concepção tradicional de ver o mundo.

Um exemplo disso encontro na fala de um dos professores quando diz que a sua atuação e presença na vida de alguns alunos e alunas podem amenizar o dano que a falta de uma figura masculina faria na construção da personalidade da criança. Sobre isso encontramos em Jacira Campos (1983), a seguinte referência: "[...] embora a disponibilidade de modelos aumente na medida em que o menino cresce, o contato com eles, em tenra idade, com professores do sexo masculino, desde a escola maternal, poderia amenizar os efeitos deletérios da ausência paterna".(p. 55).

As dicotomias corpo e mente, ser e ter, homem e mulher enquanto realidades estanques não ajudam a pensar a complexidade da natureza humana. Muito pelo contrário. Mesmo que apontem evidentes diferenças, inclusive sexuais, acabam por limitar um entendimento mais complexo e dinâmico das estruturas humanas e sociais.

Os dados da pesquisa permitiram-me encontrar um número expressivo de situações em que há uma riqueza de circunstâncias que cor-



roboram essa estreita visão de mundo, baseada em impedimentos não constitutivos ou construídos, mas são muito mais organizadores de uma sociedade arraigada a conceitos tradicionais. Como por exemplo, a sensação de desconforto e constrangimento sentida por um professor, ao estar em um ambiente cuja presença é destacadamente feminina.

Quero dizer com isso que se nos detivermos em conceitos rígidos guiados por uma padronização comete-se erros de interpretação, que posso considerar como irreversíveis.

É possível constatar, ainda, que existe uma sobredeterminação de estereótipos que procuram dar uma sustentação subjetiva aos indivíduos desta pesquisa, servindo inclusive como modelo a ser seguido.

Ao término do mestrado, pretendi apresentar uma dissertação com o objetivo de descrever aspectos da realidade docente no ensino Fundamental e Médio, mediante a inovação do conceito de gênero, procurando facilitar a compreensão dessa problemática e contribuir para possíveis mudanças com relação ao papel do gênero masculino no ensino.

Entendo que este trabalho tentou valorizar aspectos que refletem a construção de uma identidade profissional a partir de ângulos pertinentes ao gênero masculino e à educação. Sendo que eu - enquanto pesquisador e professor de Geografia - termino por encontrar um papel de mediador ao elaborar o texto que fundamenta meu trabalho.

Ao finalizar esta apresentação, gostaria - reproduzindo a fala dos alunos e das alunas - de privilegiar as percepções que eles e elas fazem a respeito dos professores, sujeitos da presente pesquisa, pois servem de complemento ao que foi exposto. Sem as falas deles e delas o trabalho não teria alcançado a riqueza desejada.

“Acho o A muito bom, porque ele escuta a gente, ensina várias coisas... Ele brinca com a gente. Ele fica contando coisas... Prá mim ele é sempre muito bom. Um bom professor precisa de qualidades boas.”

“O B diverte a aula, ele trabalha bem, sem sair da matéria ele ensina a gente brincando, ele coloca prá gente de uma maneira mais fácil. Se é uma professora ela faz tudo mais sério, e aí a gente fica até assustado... É diferente como ele trabalha”.

“Ele é bom porque eu gosto muito dele, C é meu amigo, ele passa as coisas assim, acho que é uma magia que ele passa. Não é um giz que ele passa no quadro, acho que é uma magia. Parece que é um toque de magia”.

“O D dá um espaço que dá prá conversar com ele como se fosse uma mulher, entende? Tipo assim, ele abre um espaço que dá prá nós mulheres conversarmos com ele como se ele fosse uma outra mulher”.

Tanto o ensino quanto a aprendizagem não são uma via de mão única, como todos nós sabemos. Constituem um binômio cujas características se apresentam num incessante vaivém. A fala dos alunos e das alunas e dos professores, protagonistas neste cenário profissional, além da motivação para esta pesquisa, muito contribuirá - tenho certeza - para futuras reflexões.

A par das considerações apresentadas, a presente pesquisa ensejou questionamento sobre os fatores que podem ser considerados como determinantes na eleição da atividade docente pelo professor-homem.

Julgo ser impossível precisar e/ou delimitar um único e definitivo fator como determinante dessa escolha profissional. Existe um conjunto de fatores que a influenciam. Penso que a escolha profissional - tanto quanto o gênero - reflete uma construção individual, pessoal atravessada por inúmeros fatores sócio-culturais circunstanciais.

Segundo Marlene Strey (1994) a construção e a manutenção de um projeto profissional deve ser visto como reflexo de uma conjunção de aspectos incluídos no empreendimento pessoal - sua respectiva disposição para a consequente obtenção e realização - bem como, no reconhecimento social que ele desperta. Explico: um projeto profissional aponta o olhar para o futuro do que se pretende realizar, com a intenção de obter a constituição de uma identidade, bem como de um traço de reconhecimento social que o presentifica.

A presente pesquisa fez-me perceber a ocorrência dessa mescla de influências no projeto profissional: atribuições, valores, crenças individuais do professor-homem conjugadas a atribuições, valores, crenças, imprimidas pela respectiva docência. Todavia, pesquisas, já realizadas, ratificam, enriquecem as considerações



aqui expressas e outras tantas que virão a se realizar poderão inovar nossas colocações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANYON, Jean. Interseções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 73, p. 13-25, maio de 1990.
- BERNARDES, Nara Maria Guazzelli. *Crianças Oprimidas: autonomia e submissão*. Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Porto Alegre, 1989.
- BERNARDES, Nara Maria Guazzelli. Autonomia/submissão do sujeito e identidade de gênero. *Cadernos de pesquisa*. São Paulo, n. 85, p. 43-53, maio 1993.
- BLEICHMAR, Emilce. *O feminismo espontâneo da histeria; estudos dos transtornos narcisistas da feminilidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos sobre a mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n.64, p. 4-13, fev.1988.
- CAMPOS, Jacira Calasãs. *Psicologia do desenvolvimento*. São Paulo: Edicon, 1983.
- COSTA, Ronaldo Pamplona da. *Os Onze Sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana*. São Paulo: Editora Gente, 1994.
- GADOTTI, Moacir. *História das idéias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1995.
- IBGE. *Censo Demográfico 1991. Mão-de-obra*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 140. 1991.
- IBGE. *Censo Demográfico 1991. Mão-de-obra*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 250. 1991.
- LOURO, Guacira Lopes. Educação e Relações de Gênero. *Em Pauta - Cadernos da Faculdade de Serviço Social da UERJ*. n.5. Rio de Janeiro. jun./1995.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MORAES, Roque. *Análise de conteúdo*. 1993. mimeo.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- ROSEMBERG, Fulvia; PINTO, Regina Pahim. *A educação da mulher*. São Paulo: Nobel/CECF, 1985.
- STREY, Marlene Neves. *La construccion del proyecto profesional en la mujer - Estudio de algunos aspectos psicosociales*. Universidad Autónoma de Madrid, 1994.



